

**SUFIOS COM FRICATIVAS CORONAIIS NA LÍNGUA PORTUGUESA
DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVI
SUFFIXES WITH CORONAL FRICATIVES IN PORTUGUESE
LANGUAGE OF THE SECOND HALF OF THE 16TH CENTURY**

Mário Eduardo Viaro (USP)

RESUMO

Estudam-se, neste trabalho, diversos sufixos (a saber, -ês, -esa, -ez, -eza, -ice, -ícia, -iça, -iza, -iz, -iço, -iça, -aço, -aça, -az) coletados das duas edições do dicionário português-latino de Jerónimo Cardoso, que representam a sincronia da língua portuguesa da segunda metade do século XVI. Apresentaram-se diferenças significativas na produtividade desses sufixos, assim como foram contrastados com itens lexicais com terminações similares que não desenvolveram sufixos independentes nas sincronias subsequentes.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia Histórica; Sufixação; Jerónimo Cardoso; sincronia pretérita

ABSTRACT

In this paper some examined suffixes (i. e. -ês, -esa, -ez, -eza, -ice, -ícia, -iça, -iza, -iz, -iço, -iça, -ço, -aça, - az) were collected from both editions of the Portuguese-Latin dictionary by Jerónimo Cardoso, which depicts the synchrony of Portuguese language of the second half of the 16th century. Significant differences in the productivity of these suffixes are presented and they are contrasted with lexical items with similar endings, which did not develop independent suffixes in the ensuing synchronies.

KEYWORDS: Historical Morphology; Suffixation; Jerónimo Cardoso; past synchrony.

INTRODUÇÃO

Questões que envolvem a produtividade de um sufixo na língua atual muitas vezes lidam com um conjunto de palavras que já existem há muito tempo. Nesse sentido, ao explicar qualquer fenômeno valendo-se apenas da sincronia atual e, portanto, prescindindo da história, propõe-se quase sempre um modelo para a atividade cognitiva do falante, o qual, de fato, para comunicar-se, não se vale de etapas pretéritas da língua, pois obviamente não as vivenciou como indivíduo. Estudos diacrônicos são necessariamente transsistemáticos e, para que seus intentos descritivos sejam bem sucedidos, requerem descrições de sincronias pretéritas, de modo que seja possível fazer afirmações corretas acerca da trajetória de um fenômeno linguístico qualquer. Assim sendo, estudos sobre produtividade podem ser estudados tanto do ponto de vista sincrônico quanto diacrônico e é necessário observar que podemos falar de dois tipos de fenômeno que são conhecidos como “produtividade”:

(a) se entendemos que um sufixo é produtivo quando tem a virtual possibilidade de criar palavras ainda não documentadas, o conceito englobará uma característica preditiva e apontará seu resultado para sincronias subsequentes. Tal sentido é especialmente usado quando se estuda a sincronia atual, embora não tenhamos à disposição sincronias futuras. Nesse caso, o sucesso da previsão se torna indiretamente proporcional à riqueza de formas associadas ao mesmo significado. Por exemplo: o sufixo *-eir-* do português atual não tem concorrentes para um de seus significados,

a saber, “árvore frutífera que produz x” e, quase sempre, o gênero gramatical é o mesmo do elemento da base (ou seja, o fruto), de modo que uma afirmação como “uma árvore que produz x é um x-eiro, se x é uma fruta do gênero masculino ou x-eira, se x é uma fruta do gênero feminino” tem sua confirmação de verdade em quase 100% dos testes com pseudopalavras (também conhecidas como logatomas). Uma vez que não há concorrências com outros sufixos, essa capacidade preditiva da produtividade é alta. O mesmo já não se pode dizer quando se pretende prever como será expressa uma profissão qualquer a partir de uma dada base, pois, temos à disposição a concorrência de vários sufixos (como *-eir-*, *-or-*, *-ista*). Nesse caso, como em diversos outros, detectam-se produtividades distintas nos sufixos concorrentes (que envolvem, por exemplo, sutilezas semânticas sobretudo de pejoração, preferências morfofonológicas etc.). Essas variáveis, quando comprovadas, são objeto de pesquisa da semântica dos elementos de derivação. Apesar de ser um método semelhante ao da sintaxe, é flagrante a maior abundância de exceções em morfologia;

(b) se entendemos um sufixo produtivo, porém, como prolífico (Viaro, 2010), nem sempre estaremos falando do mesmo fenômeno. A prolificidade de um paradigma está relacionada com sua história, ou seja, com seu passado e ser prolífico não é garantia de ser produtivo, como provam análises de duas sincronias pretéritas consecutivas ou de uma sincronia pretérita qualquer em contraste com a sincronia atual. A prolificidade de vários sufixos é bem conhecida quando se trata da sincronia atual (até mesmo de maneira intuitiva), contudo, para entender melhor a maioria das explicações diacrônicas e dar-lhes o caráter científico devido, faltam descrições minuciosas de sincronias pretéritas, com as quais seria possível fazer o teste da falseabilidade, comum, por exemplo em Etimologia.

Descrições de sistemas pretéritos são difíceis de serem feitas, pois requerem a investigação de *corpora*, que muitas vezes são incompletos. No caso da pesquisa sobre derivações afixais na língua antiga é de muito auxílio o testemunho dos dicionários.

O *corpus* de que nos valeremos é o *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*, cuja primeira edição é de 1562-1563, publicado por Jerônimo Cardoso (c1508-1569). Trata-se de um dicionário português-latim, o primeiro da longa tradição lexicográfica da língua portuguesa. Oito anos depois, entre 1569-1570, publicou-se uma segunda edição póstuma da mesma obra, que dispõe de muitas palavras acrescidas. Junto com essa segunda edição também há um dicionário latim-português bastante extenso, chamado *Dictionarium latinolusitanicum*, não analisado neste trabalho. O léxico utilizado nessas obras é uma boa representação das formas utilizadas na segunda metade do século XVI, embora sejam anteriores à publicação de textos que seriam muito influentes na expressão lexicográfica posterior, tais como os Lusíadas (1572) ou as obras de Nunes de Leão (*Orthographia da lingoa portuguesa*, de 1576 ou *Origem da lingoa portuguesa*, de 1606), o que dá aos dicionários de Cardoso um caráter pré-Bluteau por excelência.

Quando se estuda a expressão gráfica de uma língua antiga, ainda não plenamente padronizada, perguntamo-nos sobre as influências que o autor talvez tivesse tido e que atuaram como diretriz normativa. A língua em que Cardoso se expressava ainda estava longe da padronização dos séculos XVII-XVIII. Nascido em Lamego, com trânsito em Salamanca e em Lisboa, Cardoso provavelmente sofreu uma influência cultural não só de Nebrija, mas também de obras portuguesas de sua época, além de ser coetâneo da publicação da gramática de Fernão de Oliveira (1536) e das obras de João de Barros. Sabe-se ainda que teve contatos com André de Resende (nascido em Évora) e Damião de Gois (nascido em Alenquer). Além disso, cumpre informar que a impressão da primeira edição foi em Lisboa e a da segunda, em Coimbra, o que pode ser a explicação de variações gráficas significativas.

A obra de Cardoso é particularmente rica em informações sobre a situação sincrônica do final do século XVI dos mecanismos de formação vocabular, como, por exemplo, palavras sufixadas, tais como as que serão aqui analisadas. Uma vez que o estudo diacrônico de sufixos que

compõem um léxico em sincronia revela muitas vezes o fenômeno da poligênese, é comum sempre partir da perspectiva de que possa haver várias origens distintas para uma mesma terminação. Por exemplo, o sufixo *-agem* em português não deriva apenas do sufixo provençal *-atge*, mas também incorporou material fonético (como a vogal nasal final), morfológico (como o gênero feminino) e significados da terminação latina *-aginem*, que estava presente na consciência dos falantes do português sobretudo no vocabulário botânico (Gonçalves, 2009). O sufixo *-eiro* outrossim é entendido como um desenvolvimento de um *-arium* latino, o qual teria provindo do ramo itálico do indo-europeu. Contudo, desde cedo, esse *-arium* adquiriu significados específicos a partir de empréstimos de palavras gregas terminadas em *-ἄριον*. Essas duas fontes do mesmo sufixo são responsáveis pela maioria dos significados atuais. No entanto, algumas palavras isoladas provindas do árabe (*albufeira*) ou do tupi (*macaxeira*) ainda adicionaram matizes aos diversos significados de *-eiro*. O fato de sufixos terem várias origens, ou seja, serem diacronicamente convergentes, explicaria o aparecimento de conjuntos unitários ou de pequena cardinalidade no conjunto de significados numa certa sincronia. Dito de outro modo, paradigmas semânticos isolados, difíceis de serem classificados, são, algumas vezes, resultado do desenvolvimento histórico do elemento de derivação investigado. Outras vezes, sobretudo pelo fenômeno da ressignificação dos sufixos em sincronia, acomodam-se em paradigmas semânticos já existentes, quando não são superinterpretações dos morfólogos (Viaro, 2007; Simões Neto, 2020).

A seguir, analisam-se, nas duas edições do dicionário de Jerônimo Cardoso, os testemunhos de palavras sufixadas com o molde fônico $V_1S(i)(V_2)$, sendo:

- S uma fricativa coronal, grafada por <s>, <z>, <ç> ou <ss>;
- V_1 , uma vogal anterior tônica e sua tonicidade marcada no molde com o símbolo IPA [ˈ], também conhecido como “icto”;
- (i), uma semivogal presente ou não
- (V_2), uma vogal átona postônica que também pode ser inexistente.

Serão analisados, em cada seção, vocábulos com as terminações *-ês*, *-esa*, *-ez*, *-eza*, *-ive*, *-ícia*, *-iça*, *-iza*, *-iz*, *-iço*, *-iça* e similares e se farão comentários sobre a produtividade dessas terminações como sufixos, tal como flagrada no *corpus*.

Representam-se as citações da seguinte forma: a forma atualizada da grafia do verbete, seguida das grafias originais e das abonações entre parênteses uncinados <>. Alerta-se, contudo, que a forma atualizada não é modernizada, pois a atualização gráfica se restringiu à escolha dos grafemas e à acentuação, mas não à forma atualmente corrente que poderia implicar em mudança fonética ou fonológica significativa, por exemplo, um item lexical como <ingres> é atualizado para <ingrês>, não para <inglês>, uma vez que não há ocorrência no *corpus* de formas com <gl> para esta palavra. A primeira edição de 1562-1563 do *Dictionarium* português-latim será indicada, nas abonações deste artigo, como I e a segunda, de 1569-1570, como II. Nas informações relativas à localização das abonações (que não estão necessariamente na ordem alfabética na obra original) constam também o número do fólio, a indicação do *recto* (r) ou do *verso* (v), a coluna em que a palavra ocorre (A ou B) e a(s) linha(s) da coluna em que os itens lexicais se encontram. Os trechos ilegíveis do original são marcados, nos exemplos, pelo sinal □.

Marcaram-se com um asterisco à direita os itens lexicais que não foram encontrados na sua forma lexicográfica (por exemplo, no caso de substantivos, a forma singular, e no caso de adjetivos, a forma masculina singular). Esse asterisco deve ser distinguido do asterisco à esquerda, que representa tradicionalmente formas reconstruídas (isto é, o asterisco schleicheriano). Deve distinguir-se também da estrela ★, que indica forma supostamente inexistente em sincronia (e que substituí neste trabalho o asterisco chomskyano). Observe-se que qualquer afirmação sobre o sistema fonológico ou sobre uma hipotética pronúncia de uma palavra é uma reconstrução e requer o cuidado de ser indicada por meio do asterisco schleicheriano. Diferenciam-se o símbolo >

utilizado exclusivamente para mudanças fonéticas/fonológicas diacrônicas e o símbolo → para marcar uma derivação em sincronia. Variantes lexicais sincrônicas do mesmo item lexical são apresentadas com o símbolo ≈ entre elas, já as diferenças flexionais são marcadas com o símbolo ~ (Viaro & Bizzochi, 2016). Os étimos apresentados foram extraídos sobretudo do Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa (disponível em <https://houaiss.uol.com.br>); neles *lat.* significa “latim”; *esp.* “espanhol”; *fr.* “francês”; *it.* “italiano”; *ant.* “antigo”.

1 O sufixo -ês/ -esa

Nos vocabulários de Cardoso testemunha-se o sufixo *-ês* (provenientes do latim *-ensis*, que desenvolveu uma forma feminina *-esa*) nas seguintes palavras, grafadas com <-ez>, <-es>, <-ès>:

- Aragoês <*aragoez*, *aragoes*> - Aragoez. Aragonensis, is. [I, 17v, B, 22]; Aragoes. Aragonensis, is. [II, 12r, A, 25].
 Burgalês <*burgales*> - Burgales. Burgensis, & e. [I, 27v, A, 11]; Burgales. Burgensis, & e. [II, 20r, A, 11].
 Cordovês <*cordoues*> - cordoues. cordubensis, & e. [I, 35v, B, 32]; Cordoues. Cordubensis, & e. [II, 26v, B, 10].
 Francês <*Frances*> - Em Frances. Galice. [I, 53v, B, 4]; Em Frances. Gallice. [II, 40v, B, 30]; [7247]: Frances. Gallus, i. [I, 63v, B, 26]; Frances. Gallus, i. [II, 49r, B, 15].
 Genovês <*Genouez*, *Genoues*> - Genouez. Genuensis, is. [I, 65r, B, 9]; Genoues. Genuensis, is. [II, 50v, A, 5].
 Ingrês <*Ingres*> - Em Ingres. Anglice [I, 50v, A, 10]; Em Ingres. Anglice. [II, 38r, B, 27]; ingres. Anglus, i. [I, 68r, A, 11]; Ingres. Anglus, i. [II, 52v, B, 11].
 Português <*Portugues*> - Portugues. Lusitanus, a, um. [II, 68r, A, 12]; Portugues douro. Mina, a. [II, 68r, A, 13].
 Salamanquês <*salamanquez*, *Salamanques*> - salamanquez. salmanticensis, e. [I, 94r, B, 33]; Salamanques. Salmanticensis, e. [II, 75r, B, 7].

Como é possível perceber pelos exemplos acima, a palavra “português” aparece apenas na segunda edição de 1570. Com a mesma origem toponímica, incluem-se *Pávia* → *pavês*, *Turquia* → *troquês* (atual *torquês* ≈ *turquês*), *Turquia* → *turquesa*, mediante empréstimos (cf. it. *pavese*, fr. ant. **tourqueis*, fr ant. *turkeise*):

- Pavês <*paues*> - paues Clipeus, i. [I, 83r, A, 4]; Paues. Clypeus, i. [II, 65r, B, 40].
 Troquês <*troquez*> - Troquez. Forpex, icis. [II, 81v, B, 29].
 Turquesa <*turquesa*> - turquesa pedra. Cyaneus lapis. [I, 100r, B, 30]; Turquesa pedra. Cyaneus lapis. [II, 80v, B, 22].

O mesmo sufixo desenvolveu, além disso, uma produtividade com outras bases locativas, não referentes a territórios ou países:

- Marquês <*marquez*, *marques*> - Marquez Marchio, onis. [I, 73v, B, 22]; Marques. Marchio, onis. [II, 57v, B, 1].
 Montanhês <*montaubes*, *montanbes*> - Montauhes. montanus, a, um. [I, 76v, B, 6]; Montanhes. Montanus, a, um. [II, 60r, A, 31].
 Montês <*montes*, *môtes*, *montès*> - Cabra montes. Caprea, a. [I, 28r, A, 9]; Cabra montes. Caprea, a. [II, 20r, B, 37]; Carne de porco montes. Aprugna, [I, 31r, A, 14]; Carne de porco montès. Aprugna. [II, 22v, B, 31]; Caualo brauo, ou môtes. Equus agre/stis, vel ferus. [I, 32r, A, 23-24]; Caualo brauo, ou montes. Equus agre/stis, vel ferus. [II, 23v, B, 18-19]; porco montes, Aper, i. [I, 86r, A, 29]; Porco montes. Aper, i. [II, 68r, B, 1].

Espalhou-se, então, para outros tipos de bases, com valor relacional do tipo “que é de x”, “que é relacionado com x”, “que é como x”, característicos do sufixo *-arius* latino:

Cortês <*cortes*> - Cortes cousa. Vrbanus, a, um, co/mis, e, ciuilis, & e. [I, 36v, A, 1-2]; Cortes cousa. Vrbanus, a, um, comis, &/ e, ciuilis, &, e. [II, 27r, A, 30-31].
 Descortês <*descortes*> - Des cortes. Inciuilis, & e, inurbanus/ a, um. [I, 44v, A, 31-32]; Descortes. Inciuilis, &, e, inurbanus, a, ù. [II, 33v, B, 8].
 Preitês <*preites*> - preites Litigator, oris sycophanta,/ æ. [I, 87v, A, 29-30]; Preites. Litigator, oris, sycophanta, æ. [II, 69v, A, 1].
 Tavanês <*tauanes*> tauanes. Cerebrosus, a, um. [I, 98r, B, 32]; Tauanes. Cerebrosus, a, um. [II, 78v, B, 28].

Tais palavras têm suas bases também documentadas nas mesmas obras, a saber:

Corte <*corte*> - corte de Reis. curia, æ. [I, 36r, B, 31]; Corte de Reis. Curia, æ. [II, 27r, A, 27]; [3832]: corte de porcos. Hara, æ. [I, 36r, B, 32]; Corte de porcos. Hara, æ. [II, 27r, A, 28].
 Preto <*preito, peito*> - preto. Lis, itis. [I, 87v, A, 28]; Peito. Lis, itis. [II, 69r, B, 41].
 Tavão <*tauão*> - tauão como a bespa. Crabro, onis. [I, 98r, B, 30]; Tauão como abespa. Crabro, onis. [II, 78v, B, 27].

Essas palavras sufixadas incorporaram o paradigma formal de palavras com a mesma terminação *-ês, -esa* provenientes de diversos étimos e, portanto, não interpretáveis como sendo do mesmo sufixo do ponto de vista diacrônico (cf. *arnês* < fr ant *herneis*, *freguês* < *filium ecclesiae*, *tremês* < *trimensem*; a etimologia de *tepês* é desconhecida):

Arnês <*arnez, arnes*> - Arnez. Thorax ferreus. [I, 18v, A, 11]; Arnes. Thorax ferreus. [II, 12v, A, 29].
 Freiguês <*freigues*> - Freigues. Parochus, i. [I, 64r, A, 11]; Freigues. Parochus, i. [II, 49r, B, 34].
 Tepês <*tepes*> tepes. Pertinax, acis. [I, 98v, B, 31]; Tepes. Pertinax, acis. [II, 79r, B, 20].
 Tremês <*tremes, tremès*> - trigo tremes. triticum trimestre. [I, 101r, B, 14]; Trigo tremès. Triticum trimestre. [II, 81v, A, 28].

Como atesta a lexicografia etimológica da língua portuguesa, palavras femininas terminadas em *-esa, -essa* correspondentes a títulos de nobreza masculinos em *-ês* provêm de um latim medieval que refletem latinizações de formas provenientes do francês *-esse, -ise* (cf. fr. *marquise*, fr. *duchesse*, fr. *princesse*) e também italiano *-essa*:

Abadessa <*abadessa*> - Abadessa. Abbatissa, æ, antistes, is,/ præfecta monacharum. [I, 2r, A, 10-11]; Abadessa. Abbatissa, /æ, antistes, ispræfe/cta monacharum. [II, 1r, A, 7-9].
 Biscondessa <*biscõdessa, biscondessa*> - Bisconde ou biscõdessa. Vicecomes, is [I, 25v, B, 19]; Bisconde, ou biscondessa. Vicecomes, is: [II, 18v, A, 9].
 Condesa ≈ condessa <*condesa, condessa*> - Conde ou condesa. comes, tis. [I, 34r, A, 6]; Conde, ou condessa. Comes, tis. [II, 25r, B, 20].
 Duquesa <*duquesa*> - Duqueou Duquesa. Dux, cis, [I, 50r, A, 2]; Duque, ou duquesa. Dux, cis. [II, 37v, B, 36].
 Marquesa <*marqueza, marquesa*> - Marqueza. Marchionisa, æ. [I, 73v, B, 24]; Marquesa. Marchionissa, æ. [II, 57v, B, 3].
 Princesa <*princeza, princesa*> - prícipe ou princeza. princeps, pis. [I, 88r, A, 21]; Príncipe, ou princesa. Princeps, pis. [II, 69v, B, 18].
 Prioressa <*prioressa*> - prioressa. Antistes, itis. [I, 88r, A, 31]; Prioressa. Antistes, itis. [II, 69v, B, 28].

2 O sufixo *-ez/ -eza*

Encontram-se, como descendentes do latim *-ities* (muitas vezes sob a forma de primeira declinação no latim vulgar **-itiam*), itens lexicais terminados em *-ez* ou *-eza*. As formas em *-ez* que

se documentam nas obras de Jerónimo Cardoso, grafadas com <ez> ou <es>, são os seguintes nomes abstratos deadjetivais:

- Gaguez <gagues> - Gagues. Balbuties, ei. [I, 64v, A, 11]; Gagues. Balbuties, ei. [II, 49v, B, 24].
 Maninhez <maninhez> - Maninhez. Sterilitas, atis. [I, 73r, A, 23]; Maninhez. Sterilitas, atis. [II, 57r, A, 28].
 Prainez <praines> - praines. planicies, ei. [I, 87r, B, 10]; Praines. Planicies, ei. [II, 69r, A, 30].

A existência das bases nos léxicos analisados mostra que *-ez* não era culto, pelo contrário, ainda tinha alguma produtividade no final do século XVI, pois supostamente suas bases eram reconhecíveis pelos falantes da época:

- Gago <gago> - Gago. Balbus, a, um. [I, 64v, A, 9]; Gago. Balbus, a, um. [II, 49v, B, 22].
 Maninho* || *fem sing* <maninha> Maninha cousa. Sterilis, e. [I, 73r, A, 22]; Maninha cousa. Sterilis, e. [II, 57r, A, 27].
 Praino <praino> - praino. plenus, a, ũ, æquus, a, um, [I, 87r, B, 9]; Praino. plenus, a, um, æquus, a, um. [II, 69r, A, 29].

As formas com *-eza* são mais frequentes para representar esses nomes abstratos deadjetivais, grafadas como <esa, -eza> ou mais raramente <-essa>. A grafia <-esa> aparece sobretudo na primeira edição, o que pode mostrar talvez uma tendência à indistinção fonológica entre o *-s*-apicoalveolar e o *-z*-dorsoalveolar (tal como a oscilação gráfica nos mostra também em outras palavras ao longo da obra) na segunda metade do século XVI. Formas grafadas com <-esa> na primeira edição (de Lisboa) foram sistematicamente corrigidas para a forma mais antiga <-eza> na segunda edição (de Coimbra). É inconclusivo saber se <pobressa> na primeira edição se trata de um erro gráfico (seria, de fato, o único caso em toda a obra com essa troca de grafemas) ou algum reflexo de pronúncia, o que tornaria a forma *-essa* < lat. *-*itiam* convergente com a forma *-essa* vista no item anterior. O derivado *proeza*, de base opaca, mostra um trajeto diacrônico contrário, uma vez que é um empréstimo galorromânico em que se prevê uma consoante surda (cf. francês *prouesse*). Também a forma *simprezza* mostra um truncamento da base, uma vez que de **simplicitia* se esperaria ★ *simprezza*:

- Afouteza <afouteza> - Afouteza. Audacia, æ, cõfidentia, æ. [I, 8v, A, 13]; Afouteza. Audacia, æ, cõfidentia, æ. [II, 5r, B, 15].
 Agudeza <agudeza> - Agudeza. Acumen, inis, acrimo/nia, æ. [I, 9v, A, 23-24]; Agudeza. Acumen, inis, acrimonia, æ. [II, 6r, A, 28]; Agudeza da vista. Acies ocuorum [I, 9v, A, 25]; Agudeza da vista. Acies oculorum. [II, 6r, A, 29]; Agudeza do ferro. Acies ferri. [I, 9v, A, 26]; Agudeza do ferro. Acies ferri. [II, 6r, A, 30]; Agudeza do engenho. Acies ingenij [I, 9v, A, 27]; Agudeza do engenho. Acies ingenij. [II, 6r, A, 31]. || *pl* <agudezas> Agudezas. Argutia, arum. [I, 9v, A, 28]; Agudezas. Argutia, arum. [II, 6r, A, 32].
 Alteza <alteza> - Alteza. Celsitudo, nis. [I, 13r, A, 26]; Alteza. Celsitudo, nis. [II, 8v, B, 5].
 Aspereza <aspereza> -Aspereza. Asperitas, atis, scabricies,/ ei. [I, 21r, A, 18-19]; Aspereza. Asperitas, atis, scabricies, ei. [II, 14v, A, 19].
 Avareza <auareza> - Auareza. Auaritia, æ. [I, 22r, B, 27]; Auareza. Auaritia, æ. [II, 15v, A, 29].
 Baixeza <baixeza> - Bõixeza. Humilitas, atis. [I, 23v, A, 32]; Baixeza. Humilitas, atis. [II, 16v, B, 11].
 Beleza <beleza> - Beleza. Pulchritudo, inis, decor, oris [I, 25r, A, 21]; Beleza. Pulchritudo, inis, decor, oris. [II, 17v, B, 33].
 Braveza <braveza> - Braueza. Ferocitas: atis, immanitas [I, 27r, A, 18]; Braueza. Ferocitas, atis, immanitas. [II, 19v, A, 30].

- Bruteza <*bruteza*> - Bruteza ou brutidão. Hebetudo, inis./ obtusitas, atis. [I, 27r, B, 14-15]; Bruteza, ou brutidão. Hebetudo, inis./ obtusitas, atis. [II, 19v, B, 22-23].
- Cainheza <*cainheza*> - Cainheza. Parcitas, atis, parsimo/ nia, æ. [I, 28v, B, 5-6]; Cainheza. Parcitas, atis, parsimonia, æ. [II, 21r, A, 12].
- Certeza <*certeza*> - certeza. V□r□t□s, atis. [I, 38v, A, 25]; Certeza. Veritas, atis. [II, 29r, A, 3].
- Clareza <*clareza*> - Clareza. Perspicuitas, atis, claritas,/ tis. [I, 37v, A, 12-13]; Clareza. Perspicuitas, atis, claritas, tis. [II, 28r, A, 7]; Clareza de geraçam. Claretudo ge/neris. [I, 37v, A, 14-15]; Clareza de gêração. Claritudo generis. [II, 28r, A, 8].
- Cruzeza <*cruzeza*> - Cruzeza. Cruditas, atis. [I, 37v, B, 32]; Cruzeza. Cruditas, atis. [II, 28r, B, 33].
- Delgadeza <*delgadeza*> - Delgadeza. Tenuitas gracilitas, atis. [I, 42r, A, 24]; Delgadeza. Tenuitas, gracilitas, atis. [II, 31v, B, 3].
- Delicadeza* || *pl* <*delicadezas*> - Delicadezas. Deliciae, arum. [I, 42r, A, 10]; Delicadezas. Deliciae, arum. [II, 31v, A, 32].
- Dereiteza <*dereiteza*> - Dereiteza. Rectitudo, inis. [I, 43r, A, 9]; Dereiteza. Rectitudo, inis. [II, 32r, B, 38].
- Destreza <*destreza*> - Destreza. exteritas, atis. [I, 47v, A, 6]; Destreza. Dexteritas, atis. [II, 35v, B, 40].
- Dureza <*dureza*> - Dureza. Duricies, ei, duritia, æ. [I, 50r, A, 11]; Dureza. Duricies, ei, duritia, æ. [II, 38r, A, 2].
- Escasseza <*escasseza*> - Escasseza. Parcitas, atis, parcimonia, æ [I, 56v, A, 30]; Escasseza. Parcitas, atis, parcimonia, æ. [II, 43r, B, 29].
- Estreiteza <*estreiteza*> - Estreiteza. Angustia, æ. [I, 59v, B, 5]; Estreiteza. Angustia, æ. [II, 45v, B, 25].
- Fineza <*fineza*> - fineza. facinus egregium. [I, 62v, A, 28]; Fineza. Facinus egregium. [II, 48r, B, 5]; fineza de pano. Tenuitas, atis. [I, 62v, A, 29]; Fineza de pano. Tenuitas, atis. [II, 48r, B, 6].
- Firmeza <*firmeza*, *firmeza*> - firmeza. firmitas, atis, stabilita□, ./ atis. [I, 62v, B, 1-2]; Firmeza. Firmitas, atis, stabilitas, atis. [II, 48r, B, 12].
- Fortaleza <*fortaleza*> - fortaleza. Robur, oris, fortitudo, iis. [I, 63r, B, 20]; Fortaleza. Robur, oris, fortitudo, inis. [II, 48v, B, 22]; fortaleza de castello. ars, arcis. [I, 63r, B, 21]; Fortaleza de castello. Arx, arcis. [II, 48v, B, 23].
- Franqueza <*franqueza*> - Franqueza. Munificentia, æ. [I, 63v, B, 24]; Franqueza. Munificentia, æ. [II, 49r, B, 13].
- Fraqueza <*fraqueza*> - Fraqueza. Imbecillitas, atis. [I, 63v, B, 34]; Fraqueza. Imbecillitas, atis. [II, 49r, B, 23].
- Gentileza <*gentileza*> - gentileza. Pulchretudo, inis. [I, 65r, B, 24]; Gentileza. Pulchretudo, inis. [II, 50v, A, 18].
- Grandeza <*grandeza*> - grandeza. magnitudo, inis. [I, 66r, B, 5]; Grandeza. Magnitudo, inis. [II, 51r, B, 19].
- Inteireza <*inteireza*> - inteireza. integritas, atis. [I, 68r, A, 33]; Inteireza. Integritas, atis. [II, 52v, B, 32].
- Largueza <*largueza*, *largueza*> - Largueza. Largitas, atis. [I, 69r, A, 5]; Largueza. Largitas, atis. [II, 53v, A, 32].
- Ligeireza <*ligeireza*> - ligeireza. Velocitas, atis, agil□t□s./ atis. [I, 70r, B, 1-2]; Ligeireza. Velocitas, atis, agilitas, atis. [II, 54v, B, 4].
- Limpeza <*limpeza*> - Cano de limpeza. Cloaca, æ. [I, 29v, B, 13]; Cano de limpeza. Cloaca, æ. [II, 21v, B, 23]; limpeza. Mundicies, ei. [I, 70v, A, 16]; Limpeza. Mundicies, ei. [II, 55r, A, 8].
- Lindeza <*lindeza*> - Lindeza. Pulchritudo, inis. [I, 70r, B, 26]; Lindeza. Pulchritudo, inis. [II, 54v, B, 26].
- Madureza <*madureza*> - madureza. maturitas, atis. [I, 71v, B, 34]; Madureza. Maturitas, atis. [II, 56r, A, 32].
- Magreza <*magreza*> - magreza. macies, ei. [I, 72r, A, 14]; Magreza. Macies, ei. [II, 56r, B, 5].
- Miudeza* || *pl* <*miudezas*> - miudezas. minutiae, arum. [I, 76r, A, 23]; Miudezas. Minutiae, arum. [II, 59v, A, 24].
- Natureza <*natureza*> - Natura ou natureza. Natura, æ. [I, 78r, A, 21]; Natura, ou natureza. Natura, æ. [II, 61r, B, 20]; parente de natureza. Cognatus, a, ù [I, 82r, B, 7];

- Parente de natureza. Cognatus, a, um. [II, 64v, B, 24]; seisso .s. natureza./ sexus, us. [I, 95r, B, 24-25]; Seixo. s. natureza. sex9, us. [II, 76r, A, 27].
- Nobreza <*nobreza*> - Nobreza. Nobilitas, atis, [I, 78v, A, 28]; Nobreza. Nobilitas, atis. [II, 61v, B, 11].
- Nueza <*nueza*> - Nueza. Nuditas, atis. [I, 79r, A, 30]; Nueza. Nuditas, atis. [II, 62r, A, 36].
- Pobressa ≈ pobreza <*pobressa, pobreza*> - mingoa .s. pobressa. Aegestas, atis. [I, 75v, B, 20]; Míngoa, s, pobreza. Egestas, atis. [II, 59r, B, 25]; necessidade .s. pobreza. Indigētia, æ. [I, 78r, B, 6]; Necessidade, s, pobreza. Indigentia, æ. [II, 61r, B, 38]; [10110]: pobreza. paupertas, atis. [I, 85v, A, 6]; Pobreza: Paupertas, atis. [II, 67v, A, 10]. presteza
- Presteza <*prestesa, presteza*> - prestesa. Dexteritas, atis. [I, 87v, B, 26]; Presteza. Dexteritas, atis. [II, 69v, A, 31].
- Proeza* || *pl* <*proezas*> - proezas .s. façanhas. Res gestę. [I, 88r, B, 18]; Proezas,s,façanhas. Res gestæ. [II, 70r, A, 8].
- Pureza <*puresa*> - puresa. puritas, atis. [I, 87r, A, 12]; Puresa. Puritas, atis. [II, 68v, B, 40].
- Raleza <*raleza*> - raleza. raritas, atis. [I, 89v, B, 16]; Raleza. Raritas, atis. [II, 71r, B, 10].
- Redondeza <*redondeza*> - redondeza Orbis, is, rotunditas, atis. [I, 90v, B, 22]; Redondeza. Orbis, is. rotūditas, atis. [II, 72r, A, 26].
- Rijeza <*rijesa, rjeza*> - rijesa. Durities, ei. [I, 92v, B, 20]; Rijeza. Durities, ei. [II, 73v, B, 18].
- Riqueza <*riquesa, riqueza*> - Auer .s. riqueza. Thesaurus diuitiæ,/ arum. [I, 22v, A, 31-32]; Auer. s. riqueza. Thesaurus diuitię, arū. [II, 15v, B, 28]; Riqueza. Diuitiæ, arum. [I, 93r, A, 8]; Riqueza. Diuitiæ, arum. [II, 74r, A, 2].
- Rudeza <*rudeza*> - rudeza. Habetudo, inis, [I, 93v, B, 12]; Rudeza. Hæbetudo, inis. [II, 74v, A, 30].
- Simpieza <*simpieza*> - simpreza. simplicitas, atis. [I, 96r, B, 24]; Simpreza. Simplicitas, atis. [II, 76v, B, 41].
- Sotileza <*sotileza*> - Sotileza. Subtilitas, atis. [II, 78r, A, 12].
- Surdeza <*surdeza*> - Surdeza. Surditas, atis. [I, 97v, B, 6]; Surdeza. Surditas, atis. [II, 78r, B, 12].
- Torpeza <*torpesa, torpeza*> - torpesa. turpitude, inis. [I, 100r, A, 22]; Torpeza. Turpitude, inis. [II, 80v, A, 19].
- Tristeza <*tristeza*> - tristeza. Mæror, oris. [I, 101v, A, 4]; Tristeza. Mæror, oris. [II, 81v, B, 9].
- Vileza <*vileza*> - vileza .s. rapasia. Inciulitas, atis: [I, 103r, B, 15]; Vileza.s.rapasia. Inciulitas, atis. [II, 83r, B, 21].
- Viveza <*viuesa, viueza*> - viuesa. Achrimonia, æ [I, 104r, A, 6]; Viueza. Acrimonia, æ. [II, 84r, A, 4].

As formas em *-eza* funcionam como substitutas nos sistemas pretéritos da língua portuguesa de diversos sufixos latinos, tais como: lat. *-itas* e lat. *-tudo*, largamente exemplificados nas traduções latinas acima (cf. *aspereza, baixeza, beleza, braveza, bruteza, cainbeza, certeza, clareza, crueza, delgadeza* etc.). Como continuação de *-itia/ -ities* ≈ *-icies* se vê apenas *aspereza, awareza, dureza, limpeza* e *rijeza*.

3 O sufixo *-ice/ -ícia* ≈ *-iça* ≈ *-iza / -iz*

Não há nenhum exemplo de derivado em *-ície*, forma culta do *-ities* latino, contudo, há diversas ocorrências de *-ice*, a saber:

- Bebedice <*bebedice*> Bebedice. Temulentia, æ, ebrietas,/ atis. [I, 24v, B, 29-30]; Bebedice. Temulentia, æ. ebrietas, atis. [II, 17v, B, 7].
- Cachopice <*cachopice*> Cachopice. Puerilitas, atis, nenia, æ. [I, 28r, B, 13]; Cachopice. Puerilitas, atis, nenia, ç. [II, 20v, A, 35].
- Chocarrice <*chocarrice*> Chocarrice. Scurrilitas, atis. [II, 30r, A, 10].
- Doudice <*doudise, doudice*> Doudise. Insania, æ, dementia, æ. [I, 49v, B, 11]; Doudice. Insania, æ, dementia, æ. [II, 37v, B, 9].

Garredice ≈ garridice <garredice, garridisse> garredice. Lasciua, æ. [I, 64v, B, 31]; Garredice. Lasciua, æ. [II, 50r, A, 41]; garridisse, Lasciua, æ, [I, 64v, B, 23]; Garridisse. Lasciua, æ. [II, 50r, A, 33].
 Golodice* || *pl* <golodiçes, golodices> golodiçes. Cupediæ, arum. [I, 65v, B, 10]; Golodices. Cupediæ, arum. [II, 50v, B, 40].
 Ladroíce <ladroice> Ladroíce. Latrocinium, i. [I, 68v, A, 20]; Ladroice. Latrocinium, ij. [II, 53r, B, 21].
 Meiguice <meiguice, meiguice> meiguice. Illecebra, æ. [I, 74v, A, 13]; Meyguice. Illecebra, æ. [II, 58r, B, 16].
 Parvoíce <parvoice> parvoíce Stulticia, æ. [I, 82v, A, 7]; Parvoice. Stulticia, æ. [II, 65r, A, 13].
 Pequice <pequice> Pequice. Inscitia, æ. [I, 84r, B, 6]; Pequice. Inscitia, æ. [II, 66v, A, 2].
 Sandice <sandice> sandice, Dementia, æ, [I, 94v, B, 1]; Sandice. Dementia, æ. [II, 75v, A, 12].
 Tolice <tolice> Tolice. Moria, æ. [I, 99v, A, 32]; Tolice. Moria, æ. [II, 80r, A, 36].
 Tredurice ≈ tredorice <tredorice, tredurice> tredurice. Proditio. onis. [I, 101r, A, 6]; Tredorice. Proditio, onis. [II, 81r, B, 19].
 Velhice <velhice> velhice. Senectus, utis. [I, 102r, B, 22]; Velhice. Senectus, utis. [II, 82v, A, 15].

As formas acima mostram também a sensibilidade da vogal da base que se torna pretônica na palavra derivada: no *corpus* não há ★ *bêbedo*, mas *bêbado*, além disso há movimentos de alçamento (*tredor* → *tredurice*) e de rebaixamento vocálico (*garrido* → *garredice*, cf. a transformação *minino* > *menino*). Muitas das formas primitivas têm um sufixo também, que se perde ao anexar-se *-ice*, cf. *chocarr(eiro)* → *chocarrice*, *golo(so)* → *golodice*, *sand(eu)* → *sandice*, que promove problemas etimológicos de reconstruções de radicais como **chocarr-*, **golod-*, **sand-*.

Essas formas revelam que *-ice* era um sufixo bastante produtivo na época, uma vez que todas as formas derivadas têm documentadas as suas bases: *meigo* → *meiguice*, *peço* → *pequice*, *toló* → *tolice* etc. Semelhante na forma a esse sufixo é a terminação *-iz* oxitona, proveniente de *-icem* latino (lat. *coturnicem* > *codorniz*, lat. *judicem* > *juiz*, lat. *naricem* > *nariz*, lat. *perdicem* > *perdez*, lat. *radicem* > *raiz*), cujo molde fônico foi aumentado, com empréstimos do árabe (*almofariz*, *chafariz*) e de línguas galorromânicas (*aprendiz*, *verniz*) e foi, muitas vezes, vinculado, como sufixo derivacional, à indicação do sexo feminino do elemento referido pela base (*emperatriz*, *prioriz*):

Almofariz <almofariz> - Almofariz. Mortarium ahenum. [I, 12v, A, 13]; Almofariz. Mortarium aheneum. [II, 8r, B, 18].
 Aprendiz <aprendiz> - Aprendiz. Tyro, onis, nouitius, i. [I, 17r, B, 20]; Aprendiz. Tyro, onis, nouitius, ij. [II, 11v, B, 3].
 Arraiz <arraiz, arrays> - Arraiz. Nauiculator, oris. [I, 18v, A, 26]; Arrays. Nauiculator, oris. [II, 12v, B, 2].
 Aacis <caçis, caciz> - Caçis de mouros. Sacrificus, i. [I, 28r, A, 34]; Caciz de mouros. Sacrificus, i. [II, 20v, A, 22].
 Chafariz <chafariz> - Chafariz. Stagnum, i. [I, 39r, B, 26]; Chafariz. Stagnum, i. [II, 29v, A, 24].
 Codorniz <codornis> - Codornis. Cothurnix, icis. [I, 32v, A, 7]; Codornis. Coturnix, icis. [II, 24r, A, 30].
 Emperatriz <emperatris, emperatriz> - emperatris. Augusta, æ. [I, 51v, A, 26]; Emperatriz. Augusta, æ. [II, 39r, A, 33].
 Ganiz <ganis> - ganis. Talus, i. [I, 64v, B, 17]; Ganis. Talus, i. [II, 50r, A, 27].
 Juiz <juiz, juyz, iuiz> - Alçada de juiz. Iuridictio, onis. [I, 11r, A, 5]; Alçada de juyz. Iuridictio, onis. [II, 7r, A, 27]; Aluidro juiz. Arbiter, tri. [I, 13r, B, 21]; Aluidro juyz. Arbiter, tri. [II, 8v, B, 29]; Despacho de juiz. Decretum, i. [I, 47r, A, 2]; Despacho de juyz. Decretum, i. [II, 35v, A, 13]; Juiz. Iudex, icis. [I, 67r, B, 5]; Juiz. Iudex, icis. [II, 52r, A, 29]; Juiz do crime. Iudex capitalis. [II, 52r, A, 30]; Juiz do ciuel. Iudex ciuilis. [II, 52r, A, 31]; Juiz aluidro. Arbiter, tri, [I, 67r, B, 6]; Juiz aluidro. Arbiter, tri. [II, 52r, A, 32]; residencia dejuiz. Sindicatus, us. [I, 92r, A, 25]; Residencia de juiz. Sindicatus,

us. [II, 73r, B, 1]. *pl* <*iuiŷes, juiŷes*> louarseẽiuiŷes. Arbitrum capio. [I, 71r, A, 28]; Louarse em juizes. Arbitrum capio. [II, 55v, A, 5].
 Matiz <*matiz*> matiz. Vmbra, æ. [I, 74r, B, 6]; Matiz. Vmbra, æ. [II, 58r, A, 15].
 Nariz <*nariz*> lobinho do nariz. Gibbus, i. [I, 70v, B, 20]; Lobinho do nariz. Gibbus, i. [II, 55r, B, 5]; Nariz. Nasus, i. [I, 78r, A, 17]; Nariz. Nasus, i. [II, 61r, B, 15]. || *pl* <*nariz*> morfãho que fala polos narizes. Bal/bus, a, ù. [I, 76v, B, 32-33]; Morfanho ã fala polos narizes. Balb9, a, ù [II, 60r, B, 17].
 Perdiz <*perdiz*> Cantar a perdiz. Cacabo, as. [I, 30r, A, 2]; Cantar a perdiz. Cacabo, as. [II, 22r, A, 5]; perdiz. perdix, icis. [I, 84r, B, 27]; Perdiz. Perdix, icis. [II, 66v, A, 22].
 Prioriz <*prioris*> prioris. pleuritis, idis. [I, 88r, A, 30]; Prioris. Pleuritis, idis. [II, 69v, B, 27].
 Ragaliz <*ragalis, ragaliz*> ragalis .s, alcaçus. Glycirrhiza, æ. [I, 91r, A, 16]; Ragaliz, s, alcaçus. Glycirrhiza, æ. [II, 72r, B, 13].
 Raiz <*raiz, rrais, rais*> Arrancar de raiz. Extirpo, as, erra/dico, as. [I, 18v, A, 28-29]; Arrãcar de raiz. Extirpo, as, eradico, as. [II, 12v, B, 4]; Deitar raiz. Edere radices. [II, 31v, A, 10]; Derrais. Radicitusstirpitus. [I, 43r, A, 19]; De raiz. Radicitus, stirpitus. [II, 32v, A, 7]; emprazar bẽs de raiz. Capere in em/phitiosim. [I, 52r, A, 23-24]; Emprazar bẽs de raiz. Capere in emphi/tiosim. [II, 39v, A, 14-15]; Propriedade .s. fazenda de raiz. pos/sessio, onis. [I, 88v, A, 9-10]; Propiedade,s,fazenda de raiz. Possessio,/ onis. [II, 70r, A, 33-34]; rais. radix, icis. [I, 89v, B, 6]; Raiz. Radix, icis. [II, 71r, B, 1]; rais .s. bens de rais. Bonai mmobi/lia, [I, 89v, B, 7-8]; Raiz,s,bẽs de raiz. Bona immobilia. [II, 71r, B, 2]; rais .s. bens de rais. Bonai mmobi/lia, [I, 89v, B, 7-8]; Raiz,s,bẽs de raiz. Bona immobilia. [II, 71r, B, 2]. || *pl* <*rayzes*> Lançar rayzes. Agere radices. [II, 53v, A, 17].
 Verniz <*verniz*> Vernis. virnigo, inis. [I, 102v, A, 22]; Vernis. Virnigo, inis. [II, 82v, B, 10].

O mesmo sufixo lat. *-ities* \approx *-itia*, que formou *-ez(a)*, como já vimos, e não é testemunhado em *-ície*, aparece não só na forma alternativa *-ice* acima, mas também, na forma culta *-ícia*, que oscila, já no português da segunda metade do século XVI, com a popular *-iça*. São exemplos de *-ícia* \approx *-iça*:

Injustiça <*injustiça*> - injustiça. iniustitia, æ. [I, 68r, A, 18]; Injustiça. Iniustitia, æ. [II, 52v, B, 17].
 Justiça \approx justiça <*justiça, iustiça, iusticia*> - Conjustiça. Iure optimo. [I, 34v, A, 2]; Com justiça. Iure optimo. [II, 25v, A, 41]; iustiça. iusticia, æ. [I, 67r, B, 26]; Iustiça. Iustitia, æ. [II, 52r, B, 11]; Mandado de justiça. Edictum, i. [I, 73r, A, 3]; Mandado de justiça. Edictum, i. [II, 57r, A, 7]; promotor da iustiça. Delator publi/cus. [I, 88r, B, 27-28]; Promotor da iustiça. Delator publicus. [II, 70r, A, 17]; Requerer sua justiça. Persequor ius meũ. [II, 73r, A, 31]; Requerer sua iusticia. Persequor/ iusmeum. [I, 92r, A, 11-12].
 Malícia <*malicia*> - malicia. \square olus, i. [I, 72r, B, 17]; Malícia. Dolus, i, i. [II, 56v, A, 2].
 Notícia <*noticia*> - noticia. notitia, æ. [I, 78v, B, 30]; Notícia. Notitia, æ. [II, 62r, A, 4].
 Polícia <*policia*> - policia. policies, ei, politura, æ. [I, 85v, B, 16]; Polícia. Policies, ei, politura, æ. [II, 67v, B, 16].
 Terícia \approx tirícia <*tericia, tiricia*> - Doente de terícia. Itericus, a, um. [II, 37v, A, 3]; Tirícia. Morbus regius, Iterus, i. [II, 80r, A, 5].

Algumas outras palavras com a terminação *-iça* também têm radical opaco (**cupiditia* > *cobiça*, **corticea*: > *cortiça*, **pigritiam* > *priguiça*, ? > *lingoiça*, ? > *caliça*) ou parcialmente opaco: *horta* \rightarrow *hort(al)iça*. Juntamente com *-iça* incluem-se as formas em *-iza*, de diversas origens: a terminação, portanto, não se configuraria um verdadeiro sufixo do ponto de vista diacrônico (ao lado do lat. *cupiditiam* > *cobiça* > *cobiça*, lat. *pigritiam* > *preguiça*, há lat. *corticea* > *cortiça*, lat. *Gallaecia* > *Galizã*, *cal* \rightarrow *caliça*, *hortal* \rightarrow esp. *hortaliza* > *hortaliça*, ? > *linguiça*, ? > *baliza*). Com exceção de *justiça* \approx *justiça*, *injustiça*, *caliça* e *malícia*, essas formas têm radical opaco na sincronia pretérita em questão, uma vez que são cultismos.

Baliza <*balisa*> - Balisa. Meta, æ. [I, 23v, B, 12]; Balisa. Meta, æ. [II, 16v, B, 24].
 Caliça <*caliça*> - Caliça. Ruder, eris. [I, 29r, A, 28]; Caliça. Ruder, eris. [II, 21r, B, 25].

Cobiça <*cobiça*> - Cobiça. Cupiditas, atis. [I, 32r, B, 21]; Cobiça. Cupiditas, atis. [II, 24r, A, 8].
 Cortiça <*cortiça*> - Cortiça. Cortex, cis. [I, 36v, A, 6]; Cortiça. Cortex, cis. [II, 27r, A, 35].
 Galiza *np* <*Galiza, galiza*> - Galiza. Galæcia. [I, 64v, A, 30]; Galiza. Galæcia. [II, 50r, A, 5]; [7353]: Cousa de Galiza. Calaicus, a, um. [I, 64v, A, 31]; Cousa de Galiza. Galaicus, a, um. [II, 50r, A, 6]; [8831]: minho rio de galiza minius, I. [I, 75v, B, 23]; Minho, rio de Galiza. Minius, ij. [II, 59r, B, 30]; [11355]: santiago cidade de galiza. Conpo/stella, æ. [I, 94v, A, 30-31]; Santiago, cidade de galiza. Cõpostella, e [II, 75v, A, 3].
 Hortaliça <*ortaliça*> - ortaliça.. olus, eris. [I, 80v, B, 2]; Orталиça. Oulus, eris. [II, 63v, A, 4].
 Lingoïça <*lingoiça*> - lingoïça. lucanica, æ. [I, 70v, A, 3]; Lingoïça. Lucanica, æ. [II, 54v, B, 36].
 Priguiça <*priguiça*> - Priguiça. Desidia, e. [I, 88r, A, 5]; Priguiça. Desidia, æ. [II, 69v, B, 2].

Comparem-se ainda as formas com *-ezço* < *-etium* + *-itium*, aparentadas a essas, que não formam sufixos: *desprezo*, *menosprezo*, *vezço* são os únicos exemplos com esse molde fônico.

4 O sufixo *-iço* ~ *-iça*

Contraopondo-se à base em geral opaca de *-iça*, há ainda um sufixo *-iço*, formador de nomes, sobretudo adjetivos ou adjetivos substantivados, que provém do lat. *-itius*, *a*, *um* e desenvolveu produtividade, sobretudo como departicipial:

Açoutadiço <*açoutadiço*> - Açoutadiço, homem muitas vezes/ açoutado. Mastigia, æ, verbero/ onis. [I, 6r, A, 24-26]; Açoutadiço, homem muitas vezes açou/tado. Mastigia, æ, verbero, onis. [II, 3v, B, 4-5].
 Agastadiço <*agastadiço*> - Agastadiço. Irritabilis, & e. [I, 9r, A, 9]; Agastadiço. Irritabilis, & e [II, 5v, A, 32].
 Apegadiço* || *fem sing* <*apegadiça*> - Apegadiça cousa. Glutinosus, vis/cosus, a, um. [I, 16v, A, 1-2]; Apegadiça cousa. Glutinosus, uiscosus/ a, um. [II, 11r, A, 25-26].
 Dobradiça <*dobradiça*> - Dobradiça de ferro. Plicatura ferrea [I, 49r, B, 9]; Dobradiça de ferro. Plicatura ferrea. [II, 37r, B, 23].
 Dobradiço* || *fem sing* <*dobradiça, dobradissa*> - Dobradiça cousa. Plicatilis, & e. [I, 49r, B, 8]; Dobradiça cousa. Plicatilis, & e. [II, 37r, B, 22]; Cadeira dobradissa. Sella plicatilis, [I, 28v, A, 12]; Cadeira dobradissa. Sella plicatilis. [II, 20v, B, 26].
 Ensinadiço <*ensinadiço*> - Ensinadiço Tyrunculus, i. [I, 54v, A, 17]; Ensinadiço. Tyrunculus, i. [II, 41v, A, 23].
 Espantadiço <*espantadiço*> - Espantadiço. Meticulosus, a, um. [I, 58r, A, 10]; Espantadiço. Meticulosus, a, um. [II, 44v, A, 12].
 Esquecediço <*esquecediço*> - Esquecediço. Obluiosus, a, um. [I, 58v, A, 30]; Esquecediço. Obluiosus, a, um. [II, 45r, A, 15].
 Feitiço¹ <*feitiço*> - feitiço. Philtrum, i. [I, 61v, B, 21]; Feitiço. Philtrum, i. [II, 47v, A, 19].
 Feitiço^{2*} || *fem sg* <*feitiça*> - Chae feitiça. Clauis adulterina. [I, 39v, A, 25]; Chae feitiça. Clauis adulterina. [II, 29v, B, 14].
 Levadiço* || *fem sg* <*leuadiça*> leuadiça cousa. ductilis, e, versatilis, e [I, 69v, B, 19]; Leuadiça cousa. Ductilis, e, versatilis, e. [II, 54r, B, 28].
 Movidiço* || *fem* <*mouidiça*> - mouidiça cousa. Inconstans, antis,/ mobilis, e. [I, 77r, B, 22-23]; Mouidiça cousa. Inconstans, antis, mo/bilis, & e. [II, 60v, A, 35-36].
 Passadiço <*passadiço*> - passadiço. Sublitiis pons. [I, 82v, A, 28]; Passadiço. Sublitiis pons. [II, 65r, A, 34].
 Pegadiço* || *fem sing* <*pegadiça*> - pegadiça cousa. Viscosus, a, um. [I, 83r, B, 29]; Pegadiça cousa. Viscosus, a, um. [II, 65v, B, 18].
 Tornadiço <*tornadiço*> - tornadiço. neophitus, i. [I, 100r, A, 20]; Tornadiço. Neophitus, i. [II, 80v, A, 17].

No caso de *esquecediço*, é possível postular uma hipótese de que a base terminada em *-ed-* em vez de *-id-* para departicipiais associados a verbos da segunda conjugação pode ter sofrido algum

tipo de dissimilação com rebaixamento vocálico da vogal tônica da palavra primitiva e pretônica da base, à maneira do que ocorreu em *garredice*, visto acima. Uma prova indireta disso são as variantes alçadas de *movidiço*, em sincronia equivalente à forma original *garridice*. A única forma com base em participio irregular é *feitiço*.

A terminação *-iço*, fora dos departicipiais, parece ter pouca produtividade (a não ser como indicador de diminutivos ou como comparativo, como mostram *palba* → *palhiço*, *papel* → *papeliço*, *rolo* → *roliço*). Advinda da convergência de várias formas, a terminação *-iço* é explicada como provinda diretamente do latim (lat. *hericium* > *ouriço*, lat. *mixticius* > *mestiço*, lat. *novitium* > *noviço*, lat. *vitium* > *viço*), às vezes via castelhano (esp. *castizo* > *castiço*, esp. *chorizo* > *chouriço*, esp. *macizo* > *maciço*) e também de origem obscura (*toutiço*) ou mesmo por meio de mudança de gênero dentro do próprio português, a partir de palavras em *-iça* (*cortiça* → *cortiço*):

- Castiço <*castiço*> - Castiço. Admissarius, i. [I, 31v, B, 13]; Castiço. Admissarius, ij. [II, 23v, A, 13]; Caualo castiço. Emissarius equus. [I, 32r, A, 27]; Caualo castiço. Emissarius equus. [II, 23v, B, 22].
- Chouriço <*chouriço*> - Chouriço. Apexabo, onis. [I, 40r, A, 7]; Chouriço. Apexabo, onis. [II, 30r, A, 22]; payo, chouriço. Venter faliscus. [I, 81r, B, 30]; Payo, chouriço. Venter faliscus. [II, 64r, A, 29].
- Cortiço <*cortiço*> - Cortiço dab□lhas. Alueus, i. [I, 36v, A, 10]; Cortiço de auelhas. Alueus, i. [II, 27r, A, 39].
- Maciço <*macisso*, *maciço*> - Macisso. Solidus, a, um. [I, 71v, A, 32]; Maciço. Solidus, a, um. [II, 55v, B, 35].
- Mestiço <*mestiço*> - Mestiço. Ibrida, æ. [II, 58v, B, 27].
- Noviço <*nouiço*> - Nouiço. Nouitius, a, um. [I, 79r, A, 19]; Nouiço. Nouitius, a, um. [II, 62r, A, 25].
- Ouriço <*ouriço*> - ouriço cacheiro. Herinacius, i. [I, 80v, B, 34]; Ouriço cacheiro. Herinacius, ij, vel heri/cius, ij [II, 63v, A, 40-41]; Ouriço de castanha. Hericius, i. vel/ calix, cis [I, 81r, A, 1-2]; Ouriço de castanha. Hericius, ij, vel ca/lix, cis: [II, 63v, a, 42 - B, 1].
- Palhiço <*palhiço*> - palhiço. Stramentum, i. [I, 81v, A, 14]; Palhiço. Stramentum, i. [II, 64r, B, 6].
- Papeliço <*papeliço*> - Papeliço. Cucullus, i. [I, 82r, A, 8]; Papeliço. Cucullus, i. [II, 64v, A, 26].
- Primidiço* || *fem sing* <*primidiça*> - primidiça molher. primipara, e. [I, 88r, A, 18]; Primidiça molher. Primipara, æ. [II, 69v, B, 15].
- Roliço <*roliço*> - roliço. Teres, itis. [I, 93r, B, 26]; Roliço. Teres, itis. [II, 74r, B, 13].
- Seruiço <*sẽruiço*, *seruiço*> - Sẽruiço de seruo. Ministerium, i. [I, 95v, B, 28]; Seruiço de seruo. Ministerium, ij. [II, 76v, A, 31]; Seruiço feito a alguẽ. Munus, eris. [I, 96r, A, 2]; Seruiço feito a alguém. Munus, eris. [II, 76v, A, 39].
- Toutiço <*toutico*, *toutiço*> toutico. Occiput, itis. [I, 100r, B, 22]; Toutiço. Occiput, itis. [II, 80v, B, 12].
- Viço <*viço*> - viço vitium, i. [I, 103r, A, 20]; Viço. Vitium, ij. [II, 83r, A, 35]; viço dos campos. Luxuries, ei. [I, 103r, A, 22]; Viço dos campos. Luxuries, ei. [II, 83r, A, 37].

5 outros casos de 'V₁S(i)(V₂)

Se a análise se estende para casos em que V₁ não é apenas */e/ ou */i/, mas também outras vogais, aparecem novos elementos para o molde fônico que se entrelaçam, semanticamente, na sincronia pretérita estudada. Deixando de lado os casos em que V₁ é representado hoje por uma vogal nasal, que exigiriam uma análise mais pormenorizada, coletam-se outros casos nos dois glossários estudados, como se verão abaixo.

No caso da terminação *-áciV*, citem-se: *cartapácio*, que aparentemente tem algum vínculo com *carta*, já a palavra culta *eficácia* se vincula sabidamente a *eficaz*, *prefácio* também é uma palavra culta. Nenhuma delas garante em sincronia qualquer produtividade:

- Cartapácio <*cartapacio*> - Cartapacio.. Cartaceus liber, albio/lus, i. [I, 31r, B, 18-19]; Cartapacio. Cartaceus liber, albiolus, i. [II, 23r, A, 31].
 Eficácia <*efficacia, efficiencia*> - Efficacia. Efficaci a, æ. [I, 50r, B, 12]; Efficacia. Efficacia, æ. [II, 38r, A, 36].
 Eficaz <*efficaz*> - Efficaz. Efficax, acis. [I, 50r, B, 11]; Efficaz. Efficax, acis. [II, 38r, A, 35].
 Prefácio <*prefacio*> - prefácio. præfatio, onis. [I, 87v, A, 10]; Prefacio. Præfatio, onis. [II, 69r, B, 23].

Fora desses casos citem-se *azço, desazço, prazço*, nenhuma delas capaz de criar moldes fônicos produtivos. O mesmo se pode dizer de *espécia, Grécia, astúcia, fúza*. Observe-se que, combinando-se todas as possíveis vogais, alguns moldes fônicos finais são praticamente inexistentes, como */'eza/, depreensível apenas em flexões verbais (*preza, reza*). Deixando de lado as formas com *-oso ~ -osa*, que são bastante produtivas e não caberia aqui, neste artigo, fazer observações que afastariam de nosso objetivo, observe-se, que não há produtividade visível em *-oz*, e *uz* (*albernoz, algoz, arrioz, foz, noz; alcaçuz, alcatruz, andaluz, arcabuz, buz, capuz, cruz, luz, Ormuz*), a não ser em *feroz*, vinculado ao português *feru* de modo pancrônico, uma vez que em sincronias anteriores também seria possível fazê-lo, como prova lat. *fera* → *ferox*. Algo similar poderia se afirmar sobre o *-uz* da palavra *avestruz*, embora tenhamos lat. *avis struthio* → *avestruz*. Há, contudo, produtividade mais claramente detectável em formas em *-aça, -aço* e *-az*, como se pode ver em:

- Baga → bagaço <*bagaço*> Bagaço. Amurca, æ. [I, 23v, A, 16]; Bagaço. Amurca, æ. [II, 16v, A, 33].
 Cans(ar) → cansaço <*cansasso*> Cansasso. Lassitudo, inis. [I, 29v, B, 24]; Cansasso. Lassitudo, inis. [II, 21v, B, 34].
 Carne → carnaz <*carnas, carnás, carnaz*> Carnas, tempo de carne. Tempus/ carnuletum. [I, 30v, B, 31-32]; Carnás, tempo de carne. Tempus carnu/lentum. [II, 22v, B, 15-16]; Carnas .s. aueso. Tergum, i. [I, 30v, B, 33]; Carnaz s. aueso. Tergum, i. [II, 22v, B, 17].
 Hebr(eu) → hebraço <*ebraço*> Ebraço. Sermo hc/braicus. [I, 50r, A, 32-33]. *Vide: hebraico, habraico*.
 Inch(ar) → inchaço <*inchaço*> inchaço. Tumor, oris. [I, 67v, A, 25]; Inchaço. Tumor, oris. [II, 52r, B, 41]; leução s. inchão. Tumor, oris. [I, 70r, A, 2]; Leução, s, inchaço. Tumor, oris. [II, 54v, A, 13]; lobinho inchaço Tuberculum, i. [I, 70v, B, 19]; Lobinho, inchaço. Tuberculum, i. [II, 55r, B, 4].
 Linho → linhaça <*linhaça*> Linhaça. Lini semen. [II, 55r, A, 6]; linhaça. linisemen. [I, 70v, A, 13].
 Língua → lingoaraz ≈ *linguaraz* <*lingoaras, linguaras*> Lingoaras. Linguax, acis. [I, 70r, B, 30]; Linguaras. Linguax, acis. [II, 54v, B, 30].
 Raiva → raivaço <*raiuço*> raiuaço. Tentigo, inis, [I, 89v, B, 14]; Raiuaço. Tentigo, inis. [II, 71r, B, 8].
 Vidro → vidraça <*vidraça*> vidraça. Speculare, is. [I, 103r, A, 30]; Vidraça. Speculare, is. [II, 83r, B, 3].

Chama, contudo, a atenção, que os casos com sufixos derivacionais *-aço/ -aça* não estão vinculados a nenhum paradigma semântico claramente depreensível na sincronia pretérita analisada, sendo talvez necessário descrever fases ainda mais antigas da língua e, quiçá, fazer algum estudo de geolinguística histórica para entendermos se se trata de fossilizações, uma vez que seus *termini a quibus* se encontram, na maioria dos casos, dois ou três séculos antes. De fato, há itens lexicais de cuja terminação não é depreensível nenhum elemento sufixal: *alvaraz, antraz ≈ entraz, assaz, belmaz, cabaz, capaz, contumaz, goraz, paz, goraz, mangaz, paz, primaz, rapaz, tanaz, trocax; alface ≈ alfaça, cabaça, caça, chaça, desgraça, graça, labação, maça, praça, prolfração, raça, taça, traça; alface, face; abraço, ameaço*, açço, agração, baço, baração, braço, caço, colaço, embaraço, engaçço, espaço, laço, maço, madraço, paço, pedaço, rechação, regaçço* (talvez o único caso depreensível seria *trapa* → *trapaça*, se a etimologia tradicional

estiver correta). O mesmo se pode dizer de *argamassa, devassa, passa**; *compasso, devasso**, *escasso, passo* e *trespasso*.

CONCLUSÕES

As terminações $V_1S(i)(V_2)$ na segunda metade do século XVI formam aparentemente um feixe complexo de moldes fônicos em português (Viaro, Ferreira & Guimarães Filho, 2014), com flagrante predileção para vogais fechadas e semifechadas ocupando a posição V_1 , sendo as formas sufixais mais prolíficas *-eza*, *-ice* e *-iço*. Todas as demais formas ou são residuais (como aparenta ser os casos de *-aço*, *-az*) ou embrionárias ou ainda a elas não se vincula qualquer significado que justifique dar-lhes o rótulo de “sufixos”. Curiosamente, sabendo que a forma *-aço* não se extinguiu nas sincronias subsequentes, hipotetiza-se que seria, posteriormente, alavancada por empréstimos do castelhano, ganhando, assim, um novo alento e uma maior produtividade de um ou outro significado preexistente. Por outro lado, muitos casos com *-eza* foram substituídos por sufixos cultos reconstruídos e tornaram-se coloquiais com o passar do tempo ou foram substituídos por sufixos concorrentes.

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Jerónimo. *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa Lusitanico latinũ, cum adagiorum ferè omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione: Ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione. Item de monetis, ponderibus & mensuris, ad præsentem usum accomodatis. Nouè omnia per Hieronymũ Cardosum Lusitanum congesta. Recognita vero omnia per Sebast. Stokhamerum Germanum. Qui libellum etiam de propijs nominibus regionũ, populorum, illustrium virorum, fluviorum, montium, ac alliorum complurium nominum & rerum scitu dignarum, historijs & fabulis poëticis refertum, in usum & gratiam Lusitanica pubis concinnauit & ex integrò adiecit. Cũ sancte Inquisitionis Magistratus approbatione.* Coimbra: Ioan. Barrerius, 1569-1570.

CARDOSO, Jerónimo. *Hieronymi Cardosi Lamacensis dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem.* Lisboa: Ex officina Ioannis Aluari typographi Regij, 1562-1563.

GONÇALVES, Anielle A. Diacronia e produtividade dos sufixos-agem, -igem, -ugem, -ádego, -ádigo e -ádiga em português. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo, FFLCH/USP, 2007, disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-30112009-142459/en.php>

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>

OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa.* Lisboa. Germão Galharde, 1536 [Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 2000^o, disponível em <http://purl.pt/120/3/>].

SIMÕES NETO, Nival Almeida. *O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional.* 5v. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) — Salvador, Instituto de Letras/UFBA, Salvador, 2020.

VIARO, Mário E. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos *-eiro/-eira* na língua portuguesa. In: Gladis Massini-Cagliari et al. (eds.), *Trilbas de Mattoso Câmara e outras trilbas: fonologia, morfologia, sintaxe.* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007, pp. 45-84.

VIARO, Mário E. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. *Estudos de lingüística galega*. Santiago de Compostela: USC, 2010, vol. 2, pp. 173-190, disponível em <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/1513/0>

VIARO, Mário E.; FERREIRA, Michael J.; GUIMARÃES FILHO, Zwinglio O. Derivação ou terminação: limites para a semântica, lexicologia e terminologia. In: Mário E. Viaro. *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014, pp. 58-105.

VIARO, Mário E.; BIZZOCCHI, Aldo L. Proposta de novos conceitos e uma nova notação na formulação de proposições e discussões etimológicas. *Alfa*. São José do Rio Preto: UNESP, 2016, vol.60, n.3, pp. 579-601, disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1612-6>.